

RECURSOS LINGUÍSTICOS EM *FISIOLOGIA DO CASAMENTO* (1829), DE HONORÉ DE BALZAC

Bárbara Martins Jacob¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, em primeiro lugar, apontar alguns dos recursos linguísticos que o autor oitocentista Honoré de Balzac emprega ao longo da *Physiologie du mariage* (Fisiologia do casamento), obra publicada anonimamente em 1829. Dividimos tais recursos entre: neologismos, enigma, metáforas e humor. Após apontá-los, buscaremos investigar qual é a relação que há entre tais recursos e o conteúdo da obra, uma vez que esta foi considerada, no período de sua publicação, por diversos críticos, como “escandalosa”. A *Fisiologia do casamento* tem como tema principal o adultério cometido pelas mulheres e, em alguns momentos, Balzac defende tais mulheres adúlteras e chega até mesmo a admitir que o amante é um elemento necessário na composição do casamento. Visto isso, procuramos analisar de que forma tais recursos discursivos – principalmente os chistes, calembures e anedotas, integrantes do item humor –, aliviam, por assim dizer, a “verdade” que o autor busca expor na obra.

Palavras-chave: Honoré de Balzac. *Physiologie du mariage*. Adultério. Casamento.

Abstract: In the first place, this article aims to show some of the linguistic resources that the 19th-century author Honoré de Balzac uses in his *Physiologie du mariage*, an anonymously published work from 1829. We split these resources into neologisms, enigma, metaphor and humor. After showing them, we intend to investigate what is the relationship between these linguistic resources and the work’s subject, since the *Physiologie du mariage* was considered “scandalous” by many critics at the time of its publication. The main subject of the *Physiologie du mariage* is the adultery committed by women. Sometimes one can realize that Balzac had tried to defend these adulteresses from the common sense that says that only men and commit adultery. The author had evens stated that a lover is a necessary element to the marriage. Given that we intend to analyse how these linguistic resources – especially the jokes and puns, that belong to the item humor –, ease the sort of “truth” expressed by Balzac.

Keywords: Honoré de Balzac. *Physiologie du mariage*. Adultery. Marriage.

1. A *Fisiologia do casamento*: “Embarque conosco quem quiser; rirá quem puder”²

A *Fisiologia do casamento*, impressa, mas não editada, inicialmente em 1826, ainda incompleta – contando com apenas treze meditações –, e com o subtítulo de “préoriginale”, foi uma das primeiras obras a render fama ao autor, ao ser publicada definitivamente três anos depois. Segundo informações fornecidas por Lovenjoul, em *Histoire des œuvres de H. de Balzac* (1879), em 1829, a editora Charles Gosselin et Urbain Canel publica a edição, por assim dizer, definitiva da *Fisiologia do casamento*, em dois volumes *in-8º*, composta por trinta

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, Universidade de São Paulo, e-mail: barbarajacob@hotmail.com.

² BALZAC, H. *Fisiologia do casamento*, p. 250.

meditações, com uma introdução datada de 5 de dezembro de 1829 – que permanece até hoje-, e, um dos fatos mais curiosos, assinada por “un jeune célibataire”.³

Entretanto, quanto às datas, há um certo conflito; Honoré de Balzac escreve, na última página da obra, “Paris, 1824-1829”, mas apenas a última data pode ser confirmada. Quanto a 1824, Sacy (1971, p. 441) afirma: “tem-se boas razões para suspeitar que Balzac tenha avançando um ou dois anos com relação à realidade, para arrogar-se um direito de anterioridade sobre Brillat-Savarin, que tinha publicado sua *Fisiologia do gosto* em 1826.”⁴ Contrário a essa suspeita, no entanto, Balzac, depois de apresentar a “biografia do seu livro”, conforme suas próprias palavras na introdução da *Fisiologia do casamento*, diz de Brillat-Savarin (1755-1826):

Este sistema foi consagrado por um escritor que fazia um trabalho sobre o Paladar, muito semelhante a este sobre o *Casamento*; e ao qual pede a permissão de citar algumas palavras, que servirão para exprimir um pensamento que lhes é comum. Constituirá isso uma espécie de homenagem ao seu antecessor, cuja morte seguiu de tão perto o sucesso. (p. 243).

O próprio autor admite, então, que foi inspirado pelo autor da *Fisiologia do gosto*, obra que parece ter dado início à tendência de versar sobre temas sociais, tais como moda, casamento e gastronomia, em forma de tratados científicos; a título de curiosidade, em um estudo sobre as fisiologias no século XIX, feito por Nathalie Basset (1986), descobriu-se que, apenas entre os anos de 1840 e 1842, foram publicadas cerca de 124 “fisiologias” na França. Ainda que nenhuma tenha copiado o título dado por Balzac, muitas dessas fisiologias tinham como tema o casamento, como, por exemplo: *Physiologie de l’homme marié*, *Physiologie de la vie conjugale et des mariés au treizième*, *Physiologie de la première nuit des noces*, *Physiologie du prédestiné*, e *Physiologie du cocu*.

Apesar de tais obras levarem no título a palavra do contexto médico “fisiologia”, bem como a escrita por Balzac, “essas *Fisiologias* mantêm apenas relações distantes com as fisiologias científicas”⁵; a linguagem médica, ainda segundo a estudiosa, cumpre uma função muito mais decorativa que explicativa. Balzac a emprega em alguns casos, como pode ser visto no trecho a seguir:

³ A *Fisiologia do casamento* foi, portanto, publicada anonimamente. É apenas na edição de 1834, da editora Ollivier, em dois volumes *in-8º*, que a obra será publicada, pela primeira vez, assinada. No entanto, desde 1831, a autoria é conhecida; no prefácio de *La Peau de Chagrin* (1831), Balzac confessa ser o autor da *Fisiologia do casamento*.

⁴ “Si la seconde de ces dates paraît exacte, la première est beaucoup plus contestable ; on est fondé à soupçonner Balzac de l’avoir avancée d’un an ou deux par rapport à la réalité, pour s’arroger un droit d’antériorité sur Brillat-Savarin, qui avait publié sa *Physiologie du goût* en 1826.”

⁵ “Ces *Physiologies* n’entretiennent que des rapports lointains avec les physiologies scientifiques [...]” (BASSET, 1986, p. 157).

[...] assim como se vê a apoplexia atacar as pessoas de pescoço curto, o *carbúnculo* (espécie de peste) dá preferentemente nos carnicheiros, a gota nos ricos, a saúde nos pobres, a surdez nos reis, a paralisia nos administradores, notam-se que certas classes de maridos são mais particularmente vítimas das paixões ilegítimas. (p. 277, grifos do autor).

Talvez esse flerte com a medicina tenha contribuído, em grande parte, para que, quando da sua publicação, a *Fisiologia do casamento* tenha causado certa polêmica, o que também contribuiu positivamente para o grande sucesso que a obra conheceu. A razão para tal polêmica talvez tenha sido a “escandalosa indecência”, citando palavras de Sacy (1971, p. 13), causada pelo fato de “considerar a instituição sagrada em suas relações com as funções orgânicas do homem e, sobretudo, da mulher.”⁶ Nesse caso, as funções orgânicas a que Sacy se refere são as necessidades sexuais do ser humano; e ele diz sobretudo da mulher porque, *grosso modo*, a *Fisiologia do casamento* é uma espécie de manual que ensina aos maridos como impedir suas esposas de cometerem o adultério. Porém, desde o início, Balzac parte do pressuposto de que as mulheres cedem a uma necessidade física, natural, e não julga o adultério feminino como algo imoral, como pode ser visto em outros autores.

Portanto, o sucesso da *Fisiologia do casamento* perante aos contemporâneos de Balzac, segundo Prioult (1936, p. 427), deve-se ao fato de o autor ser “capaz, instruindo aqueles que querem ‘quebrar o osso’, de fazer com que riam, se interessem e reflitam sem que percebam”⁷; apesar de o título sugerir um estudo de cunho biológico, o autor dessa “filosofia da vida conjugal” propõe uma série de reflexões, seguidas de sugestões de mudanças, sobre o casamento, o adultério e a condição social das mulheres, e tudo isso com uma boa dose de humor.

A respeito dessa visão, por assim dizer, progressista do autor, Théophile Gautier, em *Honoré de Balzac* (1859), exalta as opiniões “modernas” de Balzac expressas através de seus romances. A partir de uma comparação dos romances de Balzac com os de outros escritores anteriores, Gautier (1859, p. 62) afirma que esses mostravam, em suas narrativas, o amor numa esfera ideal, “fora das necessidades e das misérias da vida”⁸. Balzac, por outro lado, no caso do casamento, do amor e do adultério, busca retratar as coisas como elas são; no caso das mulheres, “ele as amara em suas virtudes, vícios, fantasias, xales, vestidos, chapéus, e as seguira através

⁶ “[...] considérer l’institution sacrée dans ses rapports avec les fonctions organiques de l’homme et, surtout, de la femme.”

⁷ “[...] capable, tout en instruisant ceux qui veulent ‘rompre l’os’, de les faire rire, de les intéresser et de les faire réfléchir à leur insu.”

⁸ “en dehors des nécessités et des misères de la vie”.

da vida, bem além do ponto do caminho onde o amor as deixa”⁹. Em muitos momentos, na *Fisiologia do casamento*, o autor mostra-se um grande defensor dos direitos das mulheres, o que lhe rende até mesmo o título de “feminismo balzaquiano”.¹⁰

Apesar disso, Balzac desaconselha a leitura da *Fisiologia do casamento* para as mulheres. Segundo ele, elas já sabem o que está escrito ali, ainda que não tenham lido o livro¹¹. No final desse mesmo parágrafo, que antecede a introdução, encontra-se uma frase mais enfática, quase uma ordem: “*É proibida a entrada às senhoras.*”¹² Assim, o autor delinea seu público alvo desde o início: os homens casados. Aqueles que não o são, “[p]ara sempre assim seja!”¹³

Destarte, os leitores de sua *Fisiologia* são rapidamente confrontados com a arte que *l’homme d’esprit* sabia tão bem manejar, a saber: a arte de brincar com as palavras. Suas peripécias linguísticas – trocadilhos, calembures, anedotas, comparações imprevisíveis, chistes, metáforas, neologismos – são justificadas pelo tema do livro, já que “[t]rata-se de gracejar quando se fala do casamento!”¹⁴

2. Balzac e o trabalho linguístico de suas obras

Apesar de haver apenas obras publicadas em prosa¹⁵, o trabalho de Balzac com a língua e a forma é, muitas vezes, aproximado ao de um poeta. Arthur Symons, em 1899, escreve o livro chamado *The symbolist movement in literature (O movimento simbolista na literatura)*, no qual procura analisar o estilo e o processo de criação literária de diversos autores, tais como os poetas Verlaine, Mallarmé, Baudelaire e Rimbaud, e os prosadores Zola, Flaubert e Balzac. Nesse livro, Symons busca mostrar as qualidades poéticas presentes em alguns desses prosadores; no caso de Honoré de Balzac, Symons afirma:

Condenado a escrever em prosa, e encontrando sua oportunidade nessa restrição, ele criou para si uma forma que é possivelmente o equivalente mais próximo da *épica* ou

⁹ “[...] il l’aima dans ses vertus, dans ses vices, dans ses fantaisies, dans ses châles, dans ses robes, dans ses chapeaux, et la suivit à travers la vie, bien au-delà du point de la route où l’amour la quitte” (GAUTIER, 1859, p. 132).

¹⁰ A respeito do “feminismo balzaquiano”, ver a introdução da edição da Pléaide, feita por Arlette Michel.

¹¹ “A mulher que, pelo título deste livro, for tentada a abri-lo, pode disso abster-se porque já o leu sem o saber.” BALZAC, H. *op. cit.*, p. 235.

¹² *Idem*, p. 235, grifos do autor.

¹³ *Idem*, p. 248.

¹⁴ *Idem*, p. 251.

¹⁵ Segundo Lovenjoul, em 17 de fevereiro de 1831, Balzac publicou, em *Caricature*, o poema “Ci-gît la muse de Béranger”.

do *drama poético*, e a única forma que, agora, de qualquer modo, a épica é possível.¹⁶ (1919, p. 10-11, grifos nossos).

A partir da citação acima, é possível perceber que, mesmo com a “restrição” – segundo a opinião de Symons –, de escrever apenas prosa, o crítico literário tende a classificá-lo como um poeta, pelo trabalho com a língua que Balzac faz. No entanto, ainda que o autor afirme que Balzac criou uma forma para si, Symons não parece levar em consideração questões de estilo, ou o trabalho linguístico dos romances de Balzac. Pelo contrário, Symons chama a atenção para o conteúdo da prosa balzaquiana. Segundo ele, Balzac era um poeta dos fatos: “sua visão da humanidade era essencialmente uma visão poética, mas ele era um poeta cujos sonhos eram fatos” (1899, p. 14)¹⁷.

Em contrapartida, Théophile Gautier, partindo de observações da vida pessoal de Balzac – ao longo da convivência que tiveram desde a colaboração conjunta para o jornal *Chronique de Paris*, até a morte do autor –, em *Honoré de Balzac* (1859), ressalta não apenas a incapacidade linguístico-formal de Balzac perante aos versos, ao afirmar que “nele abria-se um abismo entre o pensamento e a forma”¹⁸ (1859, p. 54), mas também aponta a falta de sensibilidade e gosto para com a poesia: “não acreditamos, embora ele professasse um grande respeito por Victor Hugo, que ele jamais tenha sido muito sensível às qualidades líricas do poeta, cuja prosa ao mesmo tempo esculpida e colorida o encantava” (*idem*, p. 117-118)¹⁹.

Não obstante tais julgamentos em torno da sensibilidade e do trabalho com a forma de Balzac, Gautier destaca o suposto desprezo que o autor demonstrava para com o trabalho dos versos: “ele, apesar disso tão laborioso e que remexia uma frase o mesmo número de vezes que um versificador pode retrabalhar um alexandrino, ele achava o trabalho métrico pueril, fastidioso e sem utilidade.”²⁰ Com base em tal observação, é possível considerar que não é pelo tempo que levaria para construir versos ritmados que Balzac não se dedicava à poesia, mas sim pelo espaço oferecido pela prosa para se produzir, segundo o seu desejo expresso no prefácio da *Comédia humana*, a história dos costumes, uma vez que a “prosa vem oferecendo sua capacidade infinita para o detalhe”²¹, segundo constatação de Symons.

¹⁶ “Condemned to write in prose, and finding his opportunity in that restriction, he created for himself a form which is perhaps the nearest equivalent for the *epic* or the *poetic drama*, and the only form in which, at all events, the epic is now possible.”

¹⁷ “His vision of humanity was essentially a poetic vision, but he was a poet whose dreams were facts.”

¹⁸ “chez lui s’ouvrait un abîme entre la pensée et la forme”

¹⁹ “Nous ne croyons pas, bien qu’il professât un grand respect pour Victor Hugo, qu’il ait jamais été fort sensible aux qualités lyriques du poète, dont la prose sculptée et colorée à la fois l’émerveillait.”

²⁰ “Lui, si laborieux pourtant et qui retournait une phrase autant de fois qu’un versificateur peut remettre un alexandrin sur l’enclume, il trouvait le travail métrique pueril, fastidieux et sans utilité.” (p. 118).

²¹ “Prose comes offering its infinite capacity for detail;” (p. 11)

O desejo de Balzac de retratar os costumes da sociedade francesa fez com que fosse além da descrição das vestimentas e das paisagens; o detalhamento comportou também a reprodução da linguagem de cada camada social por ele retratada (la haute société, la bourgeoisie, le peuple), bem como o vocabulário técnico de cada profissão (médecine, jurisprudence, prêtrise, marine, peinture, imprimerie). A sociedade francesa passava por transformações desde a Revolução Francesa, então os costumes, as necessidades, os utensílios e as roupas mudavam junto com a sociedade. E, segundo Bertault (1962, p. 214), Balzac foi o primeiro a querer englobar toda essa diversidade em seus romances; por isso, ele teve de usar “metáforas coloridas para exprimir as menores nuances do mundo exterior, o realce dos traços salientes, sinais fisiognomônicos.”²²

Balzac, enquanto demonstrava através de seu texto novas palavras, novas formas de escrever palavras e expressões e, enfim, sua nova forma de usar da língua francesa para construir seus romances, fazia, ao mesmo tempo, reflexões a respeito da influência que a mudança da sociedade teve sobre a língua por ela falada. Théophile Gautier percebe que a língua francesa “épurée par les classiques” do século XVII, era adequada apenas para a descrição de ideias gerais, e para retratar figuras convencionais. Portanto, Balzac, na meditação VII, intitulada “Da lua de mel”, apresenta a seguinte ponderação:

Já não podemos falar a língua enérgica, rude e grosseira dos nossos antepassados. A idade em que se fabricam tecidos tão finos, tão brilhantes, móveis tão elegantes, porcelanas tão ricas, devia ser a idade das perífrases e dos circunlóquios. (1955, p. 311).

Balzac foi então obrigado a encontrar para si uma língua especial, que criasse um espaço linguístico novo para dar conta das novas exigências retratistas do autor. Em seguida, trataremos de diversos recursos utilizados por Balzac na *Fisiologia do casamento*, que certamente contribuiram para a percepção de que se estava diante de novidades linguísticas.

2.1 Neologismos na *Fisiologia do casamento*

A respeito de suas criações de palavras, ainda que saibamos que nos *Contes drolatiques* (1837) encontram-se boa parte de seus neologismos, ao longo da *Fisiologia do casamento* também há algumas criações. Geralmente, Balzac simplesmente insere sua nova palavra no meio da narrativa, e não faz comentários sobre o que acabou de fazer; pelo contrário, dá continuidade ao seu raciocínio como se tivesse acabado de empregar uma palavra há muito conhecida pelos seus leitores. No entanto, no caso do neologismo “minotauriser”

²² “[...] des métaphores colorées pour rendre les moindres nuances du monde extérieur, le relief des traits saillants, signes physiognomoniques.” (p. 214).

(minotaurizar), Balzac dedica boa parte da meditação VII para explicar, em primeiro lugar, por que era necessário criá-la, depois para mostrar por que era essa a palavra própria para descrever o que a ela está associado. Vejamos, na sequência, por que o autor preferiu cunhar o termo “minotaurizar”, em lugar de empregar o termo *cocu* (chifrudo).

A palavra *cocu* faz-nos lembrar da peça de Molière (1622-1673), *Sganarelle ou le cocu imaginaire* (1660). Balzac não só sabia disso, como alude explicitamente a esse autor quando reflete sobre o termo que, uma porção de vezes, é empregado com o propósito de descrever o marido traído. Entretanto, a despeito do uso frequente de tal palavra, o autor propõe sua própria terminologia:

Convém forjar uma palavra nova para substituir a cômica expressão de que se serviu Molière: pois como disse um autor contemporâneo, a linguagem desse grande homem é muito livre para as damas que acham a gaze muito espessa para os seus vestidos. (1955, p. 311).

Antes, entretanto, de expor qual seria a palavra e o porquê de sua escolha, o autor retoma uma personagem da mitologia grega:

Aqui e ali ofereciam-se à vista algumas selvas floridas, mas no meio de uma multidão de ruas que se cruzavam em todos os sentidos e apresentavam sempre à vista um caminho uniforme; entre as sarças, os rochedos e os espinheiros, o paciente tinha de combater um animal chamado Minotauro. Ora, minha senhora, se a senhora quer dar-me a honra de se lembrar de que o Minotauro era, de todos os animais corníferos, aquele que a mitologia nos assinala como o mais perigoso; que os atenienses, para se livrarem dos estragos que ele fazia, combinaram dar-lhe, por ano, cinquenta virgens; (*idem*, p. 122).

Portanto, o autor, antes de anunciar qual seria a sua contribuição ao léxico da língua francesa, começa pela explicação do processo que o levou até o novo termo proposto: depois de retomar o mito que envolve a figura do Minotauro e o labirinto, o “doutor nas artes e ciências conjugais” convence-nos de que o mito não é senão uma alegoria para os perigos do casamento. Assim, vemos Balzac declarar que, quando uma mulher for “inconsequente”, não se deve chamar mais o marido de *cocu*, mas sim, “o marido, na minha opinião, é, *minotaurizado*”²³. Tal criação lexical faz-nos lembrar da constatação do psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), em *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), de que “[a]s palavras são um material plástico, que se presta a todo tipo de coisas”²⁴, pois a criação desse adjetivo – que também aparecerá em sua

²³ BALZAC, H. *op. cit.*, p. 312.

²⁴ Foi utilizada a versão Kindle de *O chiste e suas relações com o inconsciente*, por isso não aparecerão as páginas nas citações.

forma verbal “minotaurizar” (*minotauriser*) em outras partes²⁵ – parece-nos um dos neologismos mais criativos encontrados na *Fisiologia do casamento*, uma vez que, além de brincar perversamente com o tema do adultério, Balzac foi capaz inclusive de cunhar um novo verbo, que será usado por outros escritores, tal qual Charles Baudelaire (1821-1867) alguns anos depois.²⁶

O neologismo em questão, que contribui para o tom humorístico que permeia toda a obra, pode ser tomado como um chiste, dadas a forma com que Balzac apresenta a palavra e a associação que se fez com o homem traído. Segundo as especulações feitas por Freud no mesmo texto sobre os chistes, o chiste/neologismo explicitado acima (*minotaurisé* ou *minotauriser*) pode ser apreendido tal como o citado por Heymans (1896), retirado do poeta Heine (1797-1856): a palavra “*famillionär*”. Tanto “minotaurizar” quanto “*famillionär*”, parecem, a princípio, “estar erradamente construída[s], ser algo ininteligível, incompreensível, enigmático”, o que satisfaria a condição de desconcerto causado pelo chiste; conseqüentemente, assim que compreendemos o significado real dessas palavras, surge o efeito cômico. Apesar de ambas poderem ser explicadas por, aproximadamente, as mesmas características de certos chistes, faz-se necessário ressaltar que “*famillionär*”, como bem explicado pelo psicanalista, é resultado de um processo de condensação, ou seja, da justaposição das palavras familiar (*familiär*) e milionário (*Millionär*), ao passo que “minotaurizar” é a transformação do nome próprio de uma figura mitológica (Minotauro) em um verbo de sufixo “-izar” (-iser), (minotaurizar), isto é, de um processo de deslocamento da figura mitológica do Minotauro para o marido traído.

Ademais, a partir da pergunta de Freud se, em alguns casos, “o pensamento expresso na sentença possui em si mesmo o caráter de um chiste, ou [se] o chiste reside na expressão que o pensamento encontrou na sentença”, é possível pensar que, na verdade, o neologismo minotaurizar produz, a nosso ver, o efeito cômico pelos dois motivos: primeiro porque o tema do homem traído rende, em geral, muitos chistes e, segundo, porque a forma da palavra criada também. Em contrapartida, no caso de “*famillionär*”, Freud chega à conclusão de que o caráter chistoso reside na forma, e não no pensamento, pois ao tentar parafrasear “*famillionär*”, o efeito cômico some. Em comparação à palavra “minotaurizado”, deparamo-nos com uma paráfrase (ou uma explicação) feita pelo próprio autor justificando sua escolha: “Pois bem! minha senhora, por que não pediremos à mitologia que venha em auxílio da hipocrisia que nos invade

²⁵ A palavra aparecerá nas seguintes formas, com suas respectivas quantidades ao longo da *Fisiologia do casamento*: “minotaurisme”, aparece uma vez; “minotauriser”, aparece quatro vezes; “minotaurisé”, aparece dez vezes; “minotaure”, aparece dezenove vezes.

²⁶ Cf. *Trésor de la Langue Française*, s.v. “minotauriser”.

e impede que riamos como riam nossos antepassados?”²⁷ Ao sermos expostos à tal justificativa do neologismo, podemos nos perguntar se a extensão não contrariaria uma das condições de um chiste, a saber: a brevidade. No entanto, Freud, citando Lipps (1898), lança luz a essa dúvida: “Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas *demais*”.

Além da palavra minotaurizar, o autor, quando descreve uma cena que viveu em sua juventude – segundo ele, no ano de 1819, quando vivia num eremitério –, usa as seguintes palavras para retratar “um rendeiro geral do bom tempo” que morava numa casa de campo isolada e bem próxima dele: “célebre pela sua originalidade, e que, entre outros *heliogabalismos*, ia à Ópera, cabelos empoados com ouro”²⁸. A palavra destacada, isto é, “heliogabalismos” (em francês: *héliogabaleries*), é outro neologismo que aparece na obra; dessa vez, não há explicações, nem reflexões a respeito da palavra criada. Presume-se apenas que o neologismo remete ao imperador romano Heliogábalo (cerca de 203 – 222) e, provavelmente, ao seu estilo de vida, já que o substantivo é usado para descrever os hábitos do rendeiro geral. “Heliogabalismos”, ao contrário de “minotaurizar”, parece não ter tido grandes repercussões, uma vez que, até o momento, nem mesmo o *Trésor de la Langue Française* reconhece a palavra.

Por fim, outra palavra diferente encontrada foi “incornifistibuladas” (em francês: *incornifistibulées*). Na meditação V, “Dos predestinados”, o autor passa a descrever as profissões e os comportamentos dos homens casados que, de certa forma, contribuem para o surgimento de um amante de suas esposas. Logo, aparecem descritos os homens que estão sempre preocupados: os homens cujas ocupações vastas e sérias não lhes deixam um minuto para serem amáveis; suas fronteiras estão sempre carregadas, e a sua conversação raras vezes é alegre”²⁹; então, o autor classifica tais homens de “tropas incornifistibuladas”³⁰. Nesse caso, entretanto, não é possível afirmar que foi uma criação própria a Balzac, mas apenas a escolha do emprego da palavra cunhada por Rabelais, em *Le tiers livre* (1546). É curioso notar que “incornifistibulado” era, até a *Fisiologia do casamento*, uma palavra de ocorrência isolada (*hápax*); contudo, mesmo depois da retomada de Balzac, a palavra continua, até o momento, não fazendo parte do *Trésor de la Langue Française* e, aparentemente, não se encontra em nenhuma outra obra literária. Como Diaz (2018, p.1) recorda, o uso do neologismo vai além de

²⁷ BALZAC, H. *op. cit.*, p. 311-312.

²⁸ *Idem*, p. 280, grifos nossos.

²⁹ *Idem*, p. 278.

³⁰ *Idem*, p.

uma questão meramente cosmética, mas faz parte da própria imagem que o escritor tem de si, como criador:

[...] é na qualidade de escritor que Balzac se deseja neologista, reivindicando o direito à neologia para si mesmo, mas também, de maneira geral, para o grande escritor, cuja força de inovação não pode não incriminar a língua, e que, tanto segundo Balzac, quanto segundo Mercier, tem direitos especiais para fazê-lo.³¹

É possível que essa prática de criar neologismo se coadunasse com a própria dificuldade de se relacionar com a língua francesa. Dificuldade essa apontada, entre outros, por Gautier. O autor não detalha que tipo de dificuldade Balzac tinha, se era de ordem ortográfica, lexical, sintática ou outra. O fato é que realmente alguns erros gramaticais aparecem aqui e ali, como a falta de concordância do particípio passado, o emprego errado do pronome “en”, ou sua forma de escrever a expressão “sens dessus dessous” (em português: invertido, em desordem, de cima para baixo), um pouco diferente da forma antiga “cen dessus dessous”. Curioso notar que Balzac afirma, na meditação III, cujo tema é o perfil da mulher honesta (“Da mulher honesta”), que uma mulher que comete certos erros ao falar a língua francesa não pode ser considerada honesta. “Uma mulher que diz uma letra de *escâmbio* por letra de *câmbio*, *carçado* por *calçado*, *pedra de fiar* por *pedra de afiar*, que diz de um homem ‘É um *graçoso*, o senhor X!’ nunca pode ser honesta, seja qual for a sua fortuna.”³² Outrossim, quis Balzac brincar com a linguagem de maneira a instigar a curiosidade dos leitores e, para isso, chegou até mesmo a criar uma espécie de enigma, sobre a qual falaremos a seguir.

2.2 Enigma

A grande variedade de temas relacionados à instituição casamento é abordada sob divisão em capítulos temáticos, cujos títulos, chamados de meditações, contam com um total de trinta. Algumas palavras-chave costumam indicar a partir de qual campo o narrador pretende mover-se. É possível prever que a meditação XI, por exemplo, discorrerá sobre a educação da mulher, uma vez que seu título é “Da instrução no lar” – fato que realmente se comprova.

Porém, tem-se um caso curioso na meditação XXV, de título “Dos aliados”; a partir da constatação do narrador de que: “[d]ois entes unidos pelo matrimônio estão sujeitos à ação da religião e da sociedade; à da vida privada, e pela saúde, à da medicina”, ele toma a decisão de dividir a meditação em seis subdivisões, dentre as quais a primeira de título “ Das religiões

³¹ “[...] c’est en tant qu’écrivain que Balzac se veut néologue, revendiquant le droit à la néologie, pour lui-même mais aussi de manière générale pour le grand écrivain, dont la force d’innovation ne peut pas ne pas s’en prendre la langue, et qui, selon Balzac comme selon Mercier, a des droits spéciaux pour le faire.”

³² BALZAC, H. *op. cit.*, p. 261.

e da confissão consideradas em suas relações com o casamento”. No caso em questão, somos rapidamente surpreendidos, pois a meditação não se ocupa da religião com relação ao casamento, mas sim de alguma coisa misteriosa que ainda não foi decifrada. Logo após as primeiras linhas, nas quais o autor cita o moralista francês do século XVII, La Bruyère (1645-1696)³³, encontramos diversas letras reunidas, aparentemente formando palavras, mas que não parecem ter um verdadeiro significado.

Segundo Rónai (1957), o enigma de Balzac instiga a curiosidade de leitores desde a primeira edição, em 1829. Como esperado, uma gama de suspeitas e sugestões surge: parte dos leitores acredita ser erro tipográfico, outra um enigma; um estudioso de Balzac, Spoelberch de Lovenjoul (1836-1907), verifica que o autor troca os caracteres das palavras sem sentido a cada nova edição da *Fisiologia do casamento*, ao passo que outro estudioso, Emmanuël Souchier (2015), chama tais páginas de “carnaval tipográfico”, como se, nos dias de hoje, um autor simplesmente apertasse teclas de um computador sem sequer olhar. Fato ainda mais curioso é que Balzac acrescentou à primeira edição da obra uma errata que dizia: “Para compreender bem o sentido dessas páginas, um leitor honesto deve reler diversas vezes as principais passagens; pois o autor colocou nessas páginas todo seu espírito”, ou seja, o autor quer dizer que sua ação não foi sem propósito. Aparentemente, o debate não se esgotará, já que, segundo Rónai (2012, p. 30), o enigma “nunca poderá ser desvendado completamente, a não ser que o manuscrito, perdido, da *Fisiologia do casamento* venha a ser encontrado.”

2.3 Metáforas

Afora o vocabulário médico usado ao longo da *Fisiologia do casamento*, Balzac também investiu em metáforas bélicas. A princípio, pensa-se que o autor usa tal figura de linguagem para comparar o casamento a uma batalha, o que ocorre, de fato, em alguns momentos: “[m]unido de todas estas vantagens, um marido apenas poderá entrar em luta com esperanças de bom sucesso.”³⁴ Porém, a batalha é comparada, de igual modo, a batalhas menores, aquelas lutadas no íntimo dos cônjuges; tomemos como exemplo a luta de uma mulher contra seus desejos sexuais fora do casamento:

Então, e antes que se apresente qualquer amante, uma mulher discute-lhe por assim dizer a legalidade; sofre em si um combate entre os deveres, as leis, a religião, e os desejos secretos de uma natureza que não recebe outro freio senão o que impõe a si própria. (p. 313).

³³ “La Bruyère disse espirituosamente: ‘É demais contra um marido a devoção e a galanteria: a mulher deveria optar.’ O autor pensa que La Bruyère se equivocou.” BALZAC, H. *op. cit.*, p. 458.

³⁴ BALZAC, H. *op. cit.*, p. 292.

Além de tais “guerras”, ocorre também uma batalha entre o marido e os solteiros, a ameaça constante para o casamento:

A conspiração urdida contra você pelo nosso milhão de celibatários famintos parece ser unânime no seu andamento. Apesar de serem todos estes solteirões inimigos uns dos outros e não se conhecerem entre si, uma espécie de instinto lhes deu a senha. (p. 314).

Por fim, deparamo-nos também com comparações compostas por metáforas bélicas e médicas numa única frase: “[e]ntão declaram-se, na esposa de você, o que nós denominaremos os *primeiros sintomas*, e desgraçado de quem não souber combatê-los!” (p. 313, grifos do autor).

2.4 Humor

“Não é a comédia das comédias?”³⁵

Após uma primeira leitura da *Fisiologia do casamento*, conclui-se que ela é, *grosso modo*, uma espécie de manual – com uma série de indicações, exemplos e conselhos –, com vistas a ensinar aos maridos como evitar o *status* de *cocu* (‘corno’). O tema, por si só, pode carregar um tom malicioso e desencadear inúmeros chistes; e a *Fisiologia do casamento* está repleta deles. Anteriormente, vimos algumas das peripécias linguísticas de Balzac, seus neologismos e, dependendo do ponto de vista, seus “erros” gramaticais ou seu jeito próprio de escrever algumas palavras e expressões. Além de todas essas criações, Balzac também manifesta sua criatividade com muito bom humor, em forma de calembures, anedotas e trocadilhos. Pois é como Samuel S. de Sacy afirma, no prefácio à edição da Gallimard (1971, p. 9): “não duvidemos, enquanto ele escrevia o livro, ele estava se divertindo; e se divertindo por se divertir, ele se divertia se divertindo, e ele se comprometia em nos divertir.”³⁶

Balzac coloca todo seu *esprit* ao longo da *Fisiologia do casamento*, apesar de saber que o tema da obra é algo tão comum quanto é o casamento na literatura. O autor sabe que: “[o] casamento é mais conhecido que o Barrabás da Paixão” e também que: “todas as ideias velhas que ele desperta, rolam nas literaturas desde que o mundo é mundo, e não há opinião útil nem projeto extravagante que não tenha ido ter às mãos de um autor, de um tipógrafo, de um livreiro e de um leitor.”³⁷ Porém, como o próprio autor expõe que o tema já foi extensivamente trabalhado e, mesmo assim, decide escrever uma obra só sobre isso, pode-se ser levado a concluir que ele acredita que fará algo diferente, de certa forma inédito. Observação que se

³⁵ *Idem*, p. 250.

³⁶ “[...] n’en doutons pas, tandis qu’il écrivait le livre, il s’amusait; et s’amusant de s’amuser, il s’amusait à s’amuser, et il se promettait bien de nous amuser.”

³⁷ BALZAC, H; *op. cit.*, p. 247.

confirma na introdução da *Fisiologia do casamento*, quando afirma que: “[r]estava ainda talvez uma em matéria de casamento, que é a de compilar as coisas que todos pensam e ninguém exprime”³⁸.

Ao longo de sua obra que divulga, segundo o próprio autor, o que ninguém tinha tido coragem de dizer antes, Balzac brinca com certos aspectos do casamento e, principalmente, de sua “doença conjugal”, o adultério, através de anedotas que poderiam causar um escândalo na época em que foi publicada – e de fato a *Fisiologia do casamento* gerou uma série de polêmicas que contribuíram para a fama de Balzac. Em sua arte de “anedotar” – outro neologismo do autor –, Balzac procura argumentar que, o que motiva suas pilhérias, é o tema de sua *Fisiologia*: “[a] matéria era tão grave que ele tentou constantemente *anedotá-la*, porque as anedotas são hoje o passaporte de toda a moral e o antinarcótico de todos os livros.”³⁹

As anedotas que se encontram espalhadas pela obra são ora criações do autor, ora cópias de outros autores, tal qual do “filósofo eclético do século XVIII”⁴⁰, Nicolas Chamfort (1741-1794), cujas máximas também serão reproduzidas ao longo da *Fisiologia do casamento*. Reproduziremos, a seguir, uma anedota aparentemente criada por Balzac, acerca da figura do *cocu* (homem traído): “Um dia, o Príncipe de Ligne encontra o amante de sua mulher, e corre para ele, rindo como um louco: - Meu caro – disse ele – esta noite correei-te!”⁴¹

Seguindo novamente algumas das propostas de Sigmund Freud, acerca da composição dos chistes em *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* (1905), o chiste acima transcrito causaria, num primeiro momento, uma certa confusão, visto que o marido fala o que se esperaria ouvir do amante – ou o que, na verdade, não se esperaria ouvir de ninguém. Por esse motivo, além do desconcerto comum a muitos chistes, aqui também se encontra o “sentido do *nonsense*”, levantado por Lipps (1896), e citado por Freud: “[a]quilo que, em certo momento, pareceu-nos ter um significado, verificamos agora que é completamente destituído de sentido.”

Portanto, se pensarmos nas formas de análise dos processos chistosos utilizados por Freud, poderíamos tentar explicar essa anedota por um processo de deslocamento, que, nesse caso, ocorreu com a transferência da fala que supostamente seria do amante, para a do marido. Inicialmente, os leitores são tomados pelo desconcerto; em seguida, compreende-se que o que causa o riso é justamente o inesperado, decorrente do deslocamento e do fato de algo dessa natureza ter sido dito.

³⁸ *Idem*, p. 242.

³⁹ *Idem*, p. 243.

⁴⁰ *Idem*, p. 272.

⁴¹ *Idem*, p. 496.

Por último, além das características descritas, pode-se identificar também um processo de condensação. O comentário chistoso do marido, justamente por ser dirigido ao amante da esposa, serve para mostrar duas coisas: primeiro, que o marido está a par do adultério da esposa, e até mesmo sabe quem é o amante; segundo, o marido impõe-se como uma autoridade, visto que é como se dissesse “*eu sou o marido, eu tenho direito de ter relações com a minha esposa*”.

O chiste brevemente analisado acima trabalha, sobretudo, com o tema do adultério. Porém, ao longo das trinta meditações que compõem a *Fisiologia do casamento*, Balzac surpreende-nos com muitos outros chistes, de temas variados. A seguir transcrevemos outro excerto chistoso:

Os homens notáveis que elevaram o monumento imortal dos nossos códigos eram quase todos antigos legistas impressionados com a importância das leis romanas; e, além disso, não fundavam instituições políticas. Filhos da Revolução, acreditaram, com ela, que a lei do divórcio, sabiamente restrita, e a faculdade das *submissões respeitadas* eram melhoramentos suficientes. Perante as recordações da antiga ordem de coisas, estas instituições novas parecem imensas. (p. 328, grifos nossos).

As palavras destacadas, “submissões respeitadas” (em francês: *soumissions respectueuses*), referem-se, com uma modificação sutil, à expressão existente na língua francesa “*sommation respectueuse*”, cujo significado é, segundo o *Trésor de la langue française*, “ato solene através do qual, na legislação francesa em vigor ainda no início do século XX, o filho maior até uma certa idade solicitava o consentimento dos pais ao projeto de casamento que ele formou”⁴².

Visto isso, e passado o estranhamento inicial, conclui-se que, propositalmente, o autor fez um calembur, uma vez que trocou uma das palavras da expressão por outra foneticamente semelhante, técnica que produz um bom chiste, segundo afirmação de Freud, ainda no mesmo texto, de “que quanto mais leve for a modificação melhor será o chiste”.

Nesse caso, parece-nos viável analisar esse calembur sob a ideia de deslocamento, pois, ao estar inserido num parágrafo cujo tema é leis e códigos matrimoniais, o autor desvia a expectativa do leitor de encontrar a expressão já conhecida, em direção a seu julgamento subjetivo em relação ao casamento – encontrado também no chiste, transcrito por Freud, sobre o desempenho dos dois irmãos na escola. Mesmo na versão balzaquiana da expressão, a palavra mantida, “respeitadas” (*respectueuses*), continua a contribuir para o sentido pretendido, já que, se o casamento é apontado como uma submissão, ela não deixa de ser uma relação atenciosa, respeitosa entre os cônjuges.

⁴² “Acte solennel par lequel, dans la législation française en vigueur encore au début du XX^e siècle, l'enfant majeur jusqu'à un certain âge requérait ses parents de donner leur consentement au projet de mariage qu'il avait formé.”

Por fim, se aplicássemos a técnica de redução usada por Freud a fim de descobrir os processos de formação de um chiste, poderíamos pensar, em primeiro lugar, que se o autor tivesse mantido a expressão existente “sommation respectueuse”, o tom chistoso sumiria completamente, engolido pela uniformidade temática do parágrafo; em segundo lugar, se ele tivesse escolhido outra palavra de significado parecido a “submissão” (*soumission*), como “servidão” (*servitude*), por exemplo, não encontraríamos um calembur efetivo, pois a similaridade sonora teria desaparecido; por último, se Balzac tivesse dito que achava que o casamento é uma submissão, o mesmo efeito cômico não seria mantido.

Considerações finais

Os recursos linguísticos empregados por Balzac na *Fisiologia do casamento*, expostos e descritos – ainda que brevemente – acima, podem ser vistos, na superfície do texto, apenas como uma maquiagem, ou como um acessório que se acrescenta ao texto para tornar a leitura mais agradável e tentar disfarçar a atmosfera pesada que um texto sobre a “doença conjugal” poderia ter. No entanto, acreditamos que haja uma função que justificaria o uso desses recursos. Balzac, frequentemente apresentado pela crítica como um dos mestres do Realismo, nos apresenta sua forma de compreender a realidade social. A *Fisiologia do casamento* não se encaixa nos moldes de um romance, como os tantos outros que fazem parte da *Comédia humana*; apesar disso, esse tratado analítico com pretensões científicas não deixa de ser a expressão literária da realidade social. Não se encontra, na obra em questão, um autor que olha cegamente para a sociedade francesa e a aceita tal como ela é, mas, pelo contrário, faz a denúncia de diversos problemas nos costumes.

No caso do tom pilhérico, principalmente, encontra-se uma forma de dizer a verdade, mas tendo, ainda, como mecanismo de proteção, o humor; na pior das hipóteses, diz-se que não deveria ser levado a sério. Freud, em *O Humor* (1927), afirma: “Não há dúvida de que a essência do humor é poupar os afetos a que a situação naturalmente daria origem e afastar com uma pilhéria a possibilidade de tais expressões de emoção.” O humor na *Fisiologia do casamento* “cava a realidade para fazer aparecer o caráter atroz e sufocante”⁴³ dos problemas dos costumes da sociedade francesa.

⁴³ MICHEL, A. *Introduction à la Physiologie du mariage*, p. 895.

Referências bibliográficas

- BALZAC, H. *Physiologie du mariage*. Paris: Gallimard, 1971. Col. Folio Classique.
- _____. Fisiologia do casamento. In: RÓNAI, P. (org). *A Comédia Humana*. Vol. XVII, 3ª. Ed. Porto Alegre: Globo, 1955, p. 225-513.
- _____. *La Peau de Chagrin*. Paris: Librairie Générale Française, 1995.
- BARBÉRIS, P. *Balzac une mythologie réaliste*. Paris: Larousse, 1971.
- BARRIÈRE, M. *L'œuvre de H. de Balzac : Étude littéraire et philosophique sur la Comédie Humaine*. Paris: Calmann Lévy, 1890.
- BASSET, N. La « Physiologie du mariage » est-elle une physiologie ? In: *L'Année balzacienne*, n°7, p. 101-114. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.
- _____. Les physiologies au XIX^e siècle et la mode. In: *L'Année balzacienne*, n°5, p. 157-172. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- BERTAULT, P. *Balzac*. Paris: Hatier, 1962.
- BRUNETIÈRE, F. *Honoré de Balzac*. Paris: Calmann-Lévy, 1906.
- CITRON, P. *Dans Balzac*. Paris: Seuil, 1986.
- DIAZ, J. *Mots nouveaux, mots à la mode: Balzac théoricien et praticien du néologisme*. 2018. [Texto ainda não publicado e enviado por e-mail].
- FREUD, S. *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2017, Versão Kindle.
- _____. O humor (1927). In: *Edição Standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. 21.
- GAUTIER, T. *Honoré de Balzac*. Paris: Librairie Poulet-Malassis et de Broise, 1859.
- MARCEAU, F. *Balzac et son monde*. 2ª. ed. Paris: Gallimard, 2008.
- MICHEL, A. *Introduction à la Physiologie du mariage*. In : *La Comédie humaine*. Vol. XI., Paris : Gallimard, 1980.
- MOZET, N. *Balzac au pluriel*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- _____. Guide orthographique de *La Comédie Humaine* de Balzac. In: Groupe International de Recherches Balzaciennes, Groupe ARTFL (Université de Chicago), Maison de Balzac (Paris). Disponível em: <http://www.v1.paris.fr/commun/v2asp/musees/balzac/furne/orthographique.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

PIERROT, A. Style de genèse et style d'auteur. In: *Romantisme*. 2010/2 (n° 148), p. 103-113. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-romantisme-2010-2-page-103.htm>. Acesso em: 3 out. 2018.

PRIOULT, A. L'achèvement de la "Physiologie du mariage". In: _____. *Balzac avant la Comédie humaine (1818-1829) : Contribution à l'étude de la genèse de son œuvre*. Paris: Librairie Georges Courville, 1936.

RÓNAI, P. *Balzac e a Comédia Humana*. São Paulo: Globo, 2012.

_____. (org). *A Comédie humana de Honoré de Balzac*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Globo, 1955.

SOUCHIER, E. *Le Carnaval typographique de Balzac : Premiers éléments pour une théorie de l'irréductibilité sémiotique*. Communication et langages, ISSN 0336-1500, N° 185, 2015, p. 3-22. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-communication-et-langages1-2015-3-page-3.htm>>. Acesso em: 7 mai. 2018.

SYMONS, A. Balzac. In: _____. *The symbolist movement in literature*. New York: E.P. Dutton & Company, 1919, p. 10-43.

TLFi: Trésor de la langue Française informatisé. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 29 set. 2018.